

"TECP - Temos um novo
papel a cumprir no mundo"



- Entrevista TECP
- jornalista TECP Elvira Bento
- revista "Acais"

14 Junho 85

Portugal

Maria de Lourdes Pintasilgo Temos um novo papel a cumprir no Mundo



Fundação Cuidar o Futuro

A decisão "está tomada firmemente" e, neste momento, no terreno da candidatura da eng.^a Maria de Lourdes Pintasilgo, movem-se milhares de apoiantes em torno de uma candidatura que se declara independente e que só vê razões para se tornar cada vez mais independente...

- Nunca fui, não sou, nem penso vir a ser filiada em qualquer partido político. Ao ter aparecido como candidata independente despertei em muita gente a sua liberdade de consciência, a sua independência de pensamento, e de juízo sobre as realidades, o que levou a tomadas de posições fora das directrizes de partidos a que pertenciam ou, até, de uma certa marginalidade face à vida política.

- Ao anunciar o propósito de se candidatar agitou uma determinada franja da sociedade?

- Preferia dizer que motivei. Não julgo possível existir uma sociedade que tenha vitalidade se não for formada por gente cuja liberdade de consciência é, realmente, o primeiro valor; porque é aí que assenta a realidade da pessoa humana. Uma candidatura independente, ao nível da sociedade como um

Seis anos passados sobre a aparição à frente do "Governo de 100 Dias", de iniciativa presidencial, pensar-se-ia que a eng. Maria de Lourdes Pintasilgo teria caído no esquecimento dos cidadãos. Parece ter acontecido o contrário: as primeiras sondagens sobre as próximas eleições presidenciais deram-lhe, para sua própria surpresa, uma vantagem surpreendente sobre outros eventuais candidatos.

Não acreditou nas sondagens e foi, pessoalmente, testar o eventual eleitorado.

todo, conduz, necessariamente, a um reforço da exigência quanto à independência nacional.

- Maria de Lourdes Pintasilgo defende que uma candidatura independente é uma plataforma a partir da qual se pode falar e da qual "não nos podemos alienar, nem como pessoas nem como país a vontades que nos são alheias".

- A máquina eleitoral exige dinheiro, ser candidata independente terá por cer-

to limitações financeiras. Pergunto-lhe: tem dinheiro? Apoios? Quais?

- Neste momento estamos a trabalhar na base da contribuição dos que estão voluntariamente nesta candidatura.

- Portanto, não há fundos estranhos. Apenas a boa vontade e o dinamismo dos que consigo trabalham, continua a movimentar a máquina eleitoral. Ora como as sondagens continuam a dar-lhe o primeiro lugar, não deve ter problemas financeiros, partindo do princípio de que tem muitos apoiantes...

- Há uma questão que me parece importante referir: é que tive um certo cuidado ao analisar o orçamento feito pelos órgãos competentes da Campanha. Assim, não estou a fazer uma campanha de País rico. Essa é a mentalidade dos militantes que me apoiam. Se somos um País pobre, onde há fome, carências enormes na habitação, alimentação, salários, empregos, não me parece certo que se gastem dezenas ou centenas de milhar de contos em campanhas eleitorais. Considero isso imoral. A minha campanha vai usar - e está a usar - meios simples e tanto quanto possível baratos.

- *Dá o contacto directo com as populações? Há quem considere essa maneira de actuar como uma certa forma populista de se afirmar...*

- Esse contacto directo que refere tem dois objectivos. O primeiro: de princípios de Fevereiro a Junho, verificar na prática se as sondagens eram meros números ou se correspondiam a uma realidade social viva.

- *Correspondiam?*

- Surpreendentemente. Não foram contactos populistas, isto é, para ir acordar bases muito populares. Foram contactos com núcleos de apoiantes. Muitas vezes, estes grupos, para além das reuniões de trabalho, provocam uma reunião pública - sobre a minha candidatura - e, então sim, nessa altura convida gente de horizontes políticos muito variados; estas reuniões permitem que fiquem a conhecer o que é que penso de uma forma directa. Outras vezes esse grupo de trabalho realiza uma sessão sobre um problema importante da zona. Não é uma actividade populista, pelo contrário; toca, de certa maneira, as elites que se dispõem a encher uma sala e a assistir a duas horas de debate.

- *Para além desse tipo de contacto tem tido encontros com populares, como foi concretamente na Feira de Barcelos. Há pouco disse-me que esse contacto com as populações tinha dois objectivos. Gostava que me falasse do segundo.*

- Foi percorrer o País e recolher os "sintomas" da situação real, na vida quotidiana das pessoas. Neste trabalho interrogo-me sobre a situação de plano inclinado em que o País está a viver e onde é que essa situação nos conduz, e o que é que vai exigir em termos da Presidência da República.

- *Recusa o termo populista e identificasse como candidata que ausculta o pulsar do País, será?*

- Realmente sou o contrário do populismo. Quem assistiu a reuniões que faço, ou participe em grandes sessões, verificará que nunca faço aquilo que o dirigente populista faz, isto é: provocar uma reacção emocional tal que as pessoas ficam diminuídas na sua condição de pessoas (realiza-se o fenómeno de reversão infantil). O meu comportamento em sessões públicas não tem, de modo algum, essas características de populismo. Além disso, considero que na fase actual portuguesa temos que falar sem exageros, de modo a que, calmamente, possamos encontrar plataformas para vencer a difícil situação em que o País se encontra.

- *Onde pensa que nos vai conduzir esta crise?*

- Já nos conduziu muito longe; há seis meses que a coligação não fazia outra coisa que discutir problemas internos. O Governo não realizou actos indispensáveis; a Assembleia tornou-se espectadora, quando devia ter fiscalizado as acções do Governo. Durante estes anos viveu-se a aparência da estabilidade. Em cinco anos duas coligações morreram de morte natural.

- *A morte natural das coligações que referiu provaram alguma coisa?*



"Nunca fui, não sou nem penso vir a ser filiada em nenhum partido político".

- Claro que provaram: que este tipo de coligações não nos serve. Não é à base de acordos temporários, com divisões de cargos e de "benesses", que se pode governar um País.

- *Como o governaria?*

- *Tal de um linha ce com os interesses nacionais e só estes. Ao longo de cinco anos verificámos que os interesses partidários se sobreposaram aos interesses nacionais. Isso é o suficiente para dizer que temos de entrar num período completamente diferente, em termos de poder político.*

- *Disse que se fosse eleita não seria um PR que mudava mas sim um novo quadro político que surgia; quer comentar?*

- Penso que se votarem em mim, em número suficiente para me elegerem, isso significa que haverá uma nova maneira de viver a política. A minha eleição corresponderá a uma nova prática política e, sobretudo, a novos protagonistas políticos defendendo uma política orientada para bem da população.

- *Disse há pouco que, ao longo dos últimos anos, se tem assistido aos problemas partidários serem defendidos à frente dos interesses nacionais...*

- ...mais do que problemas partidários. O que está em causa é o acesso desmedido ao Poder, sem conteúdo. Se perguntarmos qual a diferença entre o projecto do sr. "a", "b", ou "c", é muito difícil encontrarmos essa diferença, estilos diferentes, pessoas diferentes. O que nos prova estar ali em causa não a luta por um ideal, luta por um projecto político, luta por uma certa solução técnica de resolver as questões.

- *O que está, então, verdadeiramente em causa?*

- A conquista do Poder. O Poder, enquanto instrumento que serve unicamente para ser distribuído, para dar "benesses". É evidente que é um poder que não é o verdadeiro, o implícito no conceito de Democracia.

- *A vivência do povo português tem-se caracterizado por uma instabilidade ao longo de crises sucessivas, capazes de o conduzirem a uma apatia que, no acto de votar, se sobreponha à confiança ou mesmo a um certo desencanto que o afaste das urnas de voto. Pensa que isso sucederá?*

- Eu tenho muita confiança no povo português, pelos exemplos que temos do seu discernimento e da sua capacidade de decisão. Agora não há dúvida que é um povo que pode ser, como qualquer outro, manipulado. Precisamente, aqui, desempenham um papel importantíssimo os órgãos de Informação. E temos assistido a uma manipulação mais do que descarada da grande maioria dos órgãos estatizados, em particular a Televisão.

- *Isso preocupa-a?*

- Evidentemente que vejo com uma certa apreensão este facto. A Televisão tem instaurada uma censura interna e tem dado preferência às pessoas que estão no Poder, pondo completamente entre parentesis outras pessoas, outras instituições. Parece-me realmente gravíssima esta manipulação que, pode afectar o comportamento do povo português.

Ao mesmo tempo, verifico que há uma grande sensatez; verifico que as pessoas que até podíamos julgar já sem esperanças se agarram à última chama de esperança que ainda lhes resta, e esperam soluções. Nesse sentido, acho que o povo tem muitas possibilidades de saber lutar e conduzir a sua esperança.

- *Sente modificações diferença de mentalidade no povo português? Pode dizer-se que há uma mentalidade nova?*

- Em que sentido?

- *Numa nova dinâmica social, numa forma diferente de lutar pelo que ambiciona...*

- ...Há. O próprio facto de em qualquer parte do País - isto no que me diz respeito - se estarem a organizar grupos de apoiantes que não se conheciam entre si, (não são, portanto, grupo de amigos), e diariamente, e em número cada vez maior, a debruçarem-se sobre a realidade da sua terra, querendo ver quais são os vários extractos sociais e profissionais, quais os grandes problemas, como é que podem contribuir para um programa de candidatura presidencial, tudo isso mostra um dinamismo muito grande, extremamente estimulante, embora, para mim, seja uma enorme responsabilidade. Concordo consigo: nota-se no povo português uma nova dinâmica, isso é muito bom.

- *O processo de adesão de Portugal à CEE para uns é uma autêntica viragem histórica só comparada aos Descobrimentos; para outros é uma incógnita e, para uns tantos, soa-lhes a ameaça. Que leitura pensa que faz o português da*





Lourdes Pintasilgo

nossa integração na Comunidade Económica Europeia?

- De repente o povo português descobriu que a CEE, de que lhe falaram durante oito, quase nove anos, como o remédio para todos os problemas, afinal não vai ser remédio de modo imediato. Pelo contrário, vai pôr em questão, sobretudo no plano de Agricultura, muitas formas tradicionais de sobrevivência. Por outro lado, também compreende que não pode continuar com métodos anacrónicos...

- Então...

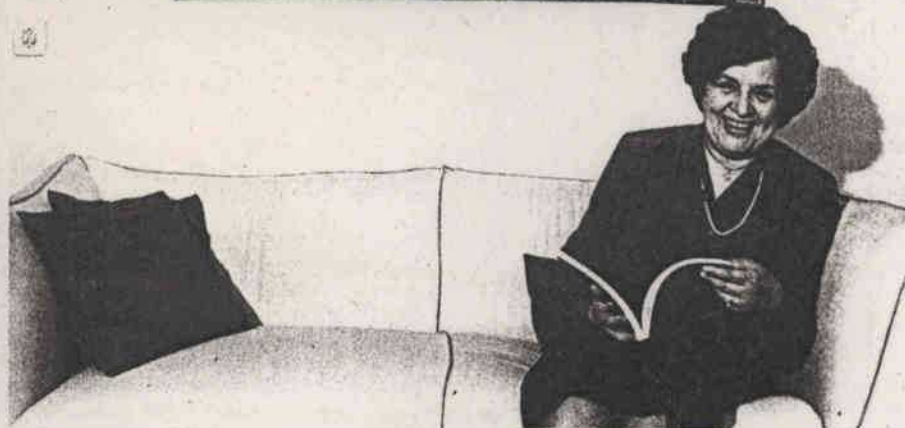
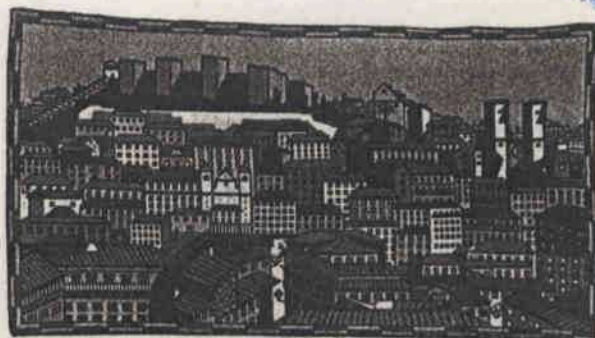
- ...mas os verdadeiros métodos anacrónicos da sociedade portuguesa não estão em primeiro lugar na Agricultura! Nem na indústria! Os métodos anacrónicos da sociedade portuguesa estão, em primeiro lugar na vida política, que é conduzida como se estivessemos, ainda, na I República, em que há um total divórcio entre os direitos cívicos e políticos de um lado e os direitos sociais, económicos e culturais do outro. Se não fosse assim, não se passaria, com tanta facilidade, sobre o problema dos salários em atraso; e, não iríamos encontrar, como eu encontrei já no País, crianças a trabalhar em indústrias de calçado, confecções e têxteis, nove horas por dia, ganhando três ou quatro contos. São realidades duras que tocam principalmente as raparigas; são fenómenos que existiram ao nível da electrónica, antes do 25 de Abril e começam, agora, a aparecer outra vez.

- *Luta por ser eleita Presidente de um País que não está bem. Que espécie de País, afinal, se for eleita, irá receber?*

- Ninguém ignora que o País está numa situação terrível e é evidente que o meu programa vai ter uma linha de conta tudo isso, toda a visão da crise. Com isto não quero criticar ou condenar "a", "b" ou "c" que têm conduzido a política. São factos e é com factos que temos de lidar. Não me interessa culpabilizar ninguém; interessa-me dizer é: perante isto pode um PR, no próximo período a seguir a 1985, ser um mero espectador da fome, da injustiça e da exploração?

- *Pensa que o actual PR tem sido um mero espectador dos acontecimentos?*

- Não tem sido um mero espectador, mas dramaticamente tem vivido em muitas condições de espectador e contra sua vontade. Por duas razões: por um lado, foi eleito com certos poderes, que a certa altura lhe foram retirados. Situação diferente da que quem, como eu, se candidata com os actuais poderes, mas faz deles outra interpretação. Em segundo lugar, o general Ramalho Eanes desempenhou historicamente - e quanto mais os anos decorrerem mais isso se tornará claro - um papel muito importante, colocando-se como árbitro da vida política, não tendo uma intervenção directa na medida em que deu o



"Os métodos anacrónicos da sociedade portuguesa estão em primeiro lugar na vida política".

terreno possível à actuação partidária. Chegamos a este momento, temos que reorganizar a vida social, de tal forma que os próprios partidos tenham um comportamento diferente. Os partidos brotam da sociedade e é a própria sociedade que tem que ser transformada. A eleição do PR pode ser um elemento decisivo, é só nesse sentido que me candidato..., para essa transformação. Não tenho dúvida nenhuma.

- *Falou na Constituição. Não a considera marxista embora muitos a considerem desajustada à realidade portuguesa. A Constituição que vigora é a que nos faz falta?*

- As Constituições nunca são, a não ser no Direito Anglo-Saxónico, textos sagrados e imutáveis e, mesmo esses, tem sempre possibilidades de emendas periódicas, embora o texto fundamental permaneça. Eu não posso dizer que a Constituição é desajustada à sociedade portuguesa porque grande parte não está cumprida. Grande parte da Constituição é, ainda, letra morta, em aspectos que são decisivos para a via nacional isso mesmo, é perder tempo irmos à procura de outros textos, irmos à procura de outras formas se não tentarmos tirar desta o máximo de rentabilidade.

Se agarrar em dois capítulos importantes da nossa Constituição, por exemplo, os direitos sociais e os direitos culturais, verá que, ou já existem noutras Constituições ocidentais ou são aspectos porque lutam partidos políticos e grupos de pressão, para que sejam incluídas em Constituições do mundo ocidental. Portanto, são aspectos

que não me parecem ter nada de desadequado à vida portuguesa. Simplesmente uma Constituição é um todo. A totalidade da Constituição tem que ser posta em execução, senão dá-se um desequilíbrio grande.

É, nesse sentido que me parece que a Constituição portuguesa, como tal, tem que ser cumprida e, quando o for, tenho a certeza de que grande parte das dificuldades que temos podem ser resolvidas.

- *A imagem política criada pelo fim da coligação dias antes da assinatura do Tratado de Adesão à CEE...*

- ...Foi trágica, deu-se aos nossos parceiros da Comunidade Económica uma imagem de fraqueza, de subdesenvolvimento político, de imaturidade, que são outros tantos trunfos que perdemos para as negociações futuras, porque as negociações ainda vão dar muito que falar, relativamente à CEE.

- *Penso que não é grande entusiasta da nossa entrada na CEE e há mesmo quem a acuse de visões Terceiro Mundistas...*

- Sou uma pessoa profundamente marcada pela cultura europeia. Tenho muito contacto com todas as instituições que a todos os níveis existem na Europa. Portanto, no que diz respeito à nossa entrada para a CEE, desde o início fui alertada por amigos dos países da CEE - alguns no Poder e outros sem estarem no Poder nesse momento - mas todos eles muito preocupados porque os respectivos gabinetes de estudo mostravam claramente a desorganização política portuguesa e a ausência de dirigentes capazes de definirem

uma política industrial e, sobretudo, uma política agrícola. E de reestruturarem a nossa agricultura. Portugal ia ser penalizado pela sua entrada na CEE"...

- Não considera a CEE "o grande desígnio nacional..."

- Tem um aspecto económico importante; tem também um aspecto cultural que é o facto de tomarmos como modelo, unicamente os países da CEE, e aí insurgi-me - ao longo destes anos - relativamente a todos aqueles que consideram que a CEE seria "o grande desígnio nacional", ou que seria a prioridade das prioridades. Tenho o gosto de ver que os Bispos dos países da CEE, em carta dirigida aos Bispos de Portugal e Espanha, alertaram para o facto de que a adesão à CEE deve ser mostrada aos cristãos destes dois países não como um caminho que reforça o materialismo e a sociedade de consumo, mas como uma afirmação, cada vez maior, dos valores próprios da identidade de cada povo. Ora isto é completamente o contrário do que muitos dos nossos dirigentes políticos pretenderam com a adesão à CEE.

- Está a falar, agora, a sua preferência Terceiro Mundista?

- Sobre essa "acusação" começo por dizer-lhe que a nossa adesão à CEE tem um aspecto simbólico que me parece muito importante, é mais um espaço europeu em que participamos. Já participamos no Conselho da Europa, participamos na Conferência de Segurança e Cooperação Europeias, em que estavam países do Leste e do Ocidente. Em Outubro de 84, sem comunicar nada aos portugueses, o Governo fez-nos entrar na União da Europa Ocidental, que é um grupo apenas com sete países (isto é, pediu a adesão). É o único grupo onde se tenta uma política conjugada no campo militar e, confesso que a informação sobre isso tem sido inexistente. Participamos, naturalmente, na NATO que faz a ponte entre a Europa e a América do Norte. Portanto, aí temos um quadro europeu, com uma vertente também americana, onde o nosso lugar, por razões geográficas, históricas e até estratégicas, é normal. Mas no mundo de hoje não há relações exclusivas...

- Importa-se de objectivar...

- Ninguém tem relações exclusivas, nem sequer as super-potências... enquanto se degladiam à volta do armamento nuclear os Estados Unidos vendem trigo à União Soviética... Não há ninguém que tenha relações numa só direcção.

- É Portugal?

- Nós também temos vários eixos, julgo eu. O que nos liga a esse hemisfério Norte, através das suas instituições próprias; um eixo que nos deve ligar preferencialmente aos países de língua portuguesa, quer aos países africanos, quer ao Brasil; e um terceiro eixo (considero-o fundamental) que é o que nos deve ligar de forma institucional à Espanha e aos países da América Latina, como países que já têm uma longa tradição, completamente diferentes dos países africanos.

Ora se isto é Terceiro Mundismo...



"Se nos aninharmos na Europa, ficaremos, apenas, criados bem tratados de famílias ricas".

Evidentemente, então sou Terceiro Mundista. O problema não se põe hoje desta maneira, ou de maneira como em Portugal se tentou por o Terceiro Mundismo, que foi, a a meu ver, uma forma culturalmente pobre, e sem dignidade, de rejeitar um passado de mais de quatro séculos vividos noutros Continentes e, particularmente, no Continente Africano.

- Implicitamente, fala-me da expansão de Portugal pelo Mundo. Ao irmos deixar Macau é como se fosse o "adeus" ao Império, é como cortar...

- ...é um cortar que só pode ser ultrapassado por uma política externa de imensa dignidade, recheada dos valores culturais de Portugal, ao longo dos séculos, do significado que teve a nossa presença, desde o Extremo Oriente, desde o Japão. Como foi grandiosa a nossa penetração na China no século XVII, através dos nossos missionários. Foi qualquer coisa de extraordinário.

Macau tem uma realidade simbólica espantosa. A partir de Macau há o comércio das sedas, o Japão, há a penetração na China, a península do Indostão, onde estivemos durante largos anos, até os ingleses nos "sacudirem". E, claro, há a África de laços tão recentes. E há a América Latina com o Brasil, um dos grandes líderes do Terceiro Mundo... se assim lhe quisermos chamar...

- Depois do "adeus" ao que nos resta do Império, o que nos resta como País, como povo?

- Para a dignidade de Portugal, nos próximos anos, e para a nossa própria auto-confiança, só há um caminho que é refazer a rota de Portugal no Mundo.

Significa não nos aninharmos na Europa, onde, se o fizermos, ficaremos apenas, a ser os criados bem tratados de famílias ricas.

Se assumirmos - com nobreza e com confiança em nós próprios - o nosso lugar na Europa, e ao mesmo tempo desenvolvermos de formas imaginativas, e que são possíveis, ainda são possíveis, mas por muito pouco... a nossa rota no Mundo, podemos ter, como pequeno País, um contributo muito importante para o entendimento entre os povos, para a paz no Mundo.

Aí temos um papel novo. Temos realmente que descobrir uma nova Índia. A nossa nova Índia já não está situada algures na Ásia, dobrando o Cabo das Tormentas, O Cabo das Tormentas que temos que dobrar, agora, é, justamente, esta instabilidade política em que temos vivido, sob a aparência de que a Democracia funcionava.

Dobrar o Cabo das Tormentas da situação gravíssima a que essa mesma instabilidade política nos conduziu é a Tarefa!

A partir daí, temos um papel novo a cumprir na união do Mundo. **M**

Maria Elvira Bento / Carlos Gil